

REMATE DE MALES, Campinas, (13):7-11, 1993

O 1900 DE EUCLIDES E ESCOBAR: DUAS CRÔNICAS ESQUECIDAS

FRANCISCO FOOT HARDMAN
UNICAMP

Na pequena e efervescente São José do Rio Pardo, a virada do século XIX não passava despercebida, entre outros, a dois cronistas especiais: Euclides da Cunha e Francisco Escobar. O primeiro, às voltas com duas obras magistrais de construção: a ponte de ferro sobre o rio Pardo e o ensaio épico-dramático sobre Canudos. O segundo, intelectual socialista e bibliófilo abnegado, amigo e interlocutor privilegiado do autor de **Os sertões**.

O jornal local **O Rio Pardo** publicava, em 3 de maio de 1900, uma edição especialmente dedicada às celebrações do quarto centenário do descobrimento do Brasil. E entre os articulistas com textos estampados na primeira página, estavam Euclides -- assinando E. C. -- que publicava a crônica de abertura intitulada *4º Centenário do Descobrimento do Brasil*; e Escobar -- subscrevendo "Fra D'Esco" -- que escrevia a matéria subsequente, chamada *400 Anos*. São esses os documentos que reproduzo a seguir, na íntegra, apenas atualizando a ortografia e revendo erros tipográficos evidentes.

O texto de Euclides, aqui recuperado, permaneceu, salvo engano, praticamente inédito. Não consta, afinal, da edição de sua **Obra completa** em dois volumes, pela editora Aguilar (1966). A única transcrição a que tive acesso, feita com falhas, pode ser conferida no livro **Euclides da Cunha e o socialismo**, de José Aleixo Irmão (São José do Rio Pardo, Casa Euclidiana, 1960, pp. 63-5). Esta obra, de um promotor que atuou na cidade, foi escrita com o intuito de contestar a apregoada militância socialista de Euclides em São José do Rio Pardo, durante sua estadia ali, entre 1898 e 1901. Tendo pesquisado, para tal, fontes primárias locais relevantes, como as atas do Clube Democrático Internacional "Filhos do Trabalho" e o jornal **O Proletário**, Aleixo Irmão põe em dúvida, inclusive, a participação direta de Euclides na redação de manifestos alusivos ao Primeiro de Maio de 1901 em Rio Pardo (e até hoje incorporados na **Obra completa**). De todo modo, se não houve militância orgânica formal, é certo que tenha havido, ao menos, simpatia difusa; e, neste caso, a amizade intelectual com Francisco Escobar foi elo dos mais decisivos.

A propósito do perfil social diferenciado dessas celebrações, naquela cidade, o jornal **O Rio Pardo** sugere interessante paralelismo. O 1º de Maio de 1900 foi comemorado majoritariamente por imigrantes italianos -- artesãos, operários e intelectuais -- com as bandas de música, os estandartes, alguns oradores que "disseram na maviosa língua de Dante", culminando o processo com a fundação do Clube "Filhos do Trabalho", de tendência socialista e mantendo laços com o Grupo **Avanti!**, de São Paulo. Já no dia 3 de Maio é a vez de celebração mais oficial e solene, pela passagem dos 400 anos da descoberta do Brasil, com "préstimo... de perto de 2 mil pessoas", em que participam autoridades políticas, militares, comerciantes, representantes da lavoura e o próprio redator-proprietário de **O Rio Pardo**. Após missa e passeata, os discursos em frente à Câmara Municipal, registrando-se a presença do "dr. Euclides da Cunha que em eloquentíssimas frases saudou as três nações: Portugal, Itália e Brasil" (cf. **O Rio Pardo**, 06/05/1900, p.1; e 03/05/1900, p.2).

Não se tratava de celebração localizada ou casual. Naquele mesmo ano, organizara-se, no Rio de Janeiro, a Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, que reunia diversos segmentos sociais e algumas das figuras mais conhecidas da intelectualidade nacional. Ramiz Galvão historiou, em obra monumental¹, os trabalhos dessa Associação, que incluíram: criação de hino e monumento comemorativos;

¹ Cf. Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil: **Livro do Centenário (1500-1900)**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900-1910, 4 v. Vide, em especial, vol. IV. Agradeço por esta referência ao Prof. Moisés Kuhlmann, da UNESP (Campus de Araraquara). Em seus 4 volumes, este grandioso painel reuniu 17 memórias inventariantes de temas gerais da formação do Estado e Sociedade, que vão desde a organização militar, relações internacionais, religiões católica e acatólicas, ciências médico-farmacêuticas e jurídicas, engenharia, mineração e lavoura, até o descobrimento do Brasil (Capistrano de Abreu, Oliveira Lima: vol.I), literatura (Silvio Romero, vol.I), instrução e imprensa (José Veríssimo, vol.I) e belas-artses (Coelho Neto, vol.II).

programa intenso de festejos populares, religiosos e navais que mobilizaram milhares de pessoas nas ruas; erguimento de um pavilhão provisório na praça da Glória, ao estilo das grandes exposições internacionais do século XIX; realização paralela de congressos jurídico, de medicina e cirurgia, e de engenharia e indústria; inauguração de instalações para asilo de crianças desvalidas, clube naval e associação de empregados no comércio; e -- ritual imagético obrigatório -- montagem de um panorama do descobrimento do Brasil, no centro do Rio, a partir de telas pintadas por Vítor Meireles, a começar do célebre quadro da primeira missa. E seria também naquele 3 de maio de 1900 que o historiador Capistrano de Abreu publicava, ainda na Capital Federal, nas páginas do **Jornal do Commercio**, seu ensaio **O Descobrimento do Brasil pelos portugueses**, logo ampliado e saído em livro pela casa Laemmert.

O fato de que a referida crônica de Euclides tenha estado oculta, até mesmo por vontade deliberada do Autor, que não a selecionou, entre vários textos de imprensa escritos à época, na linha do ensaísmo histórico-político, seja para a edição do livro **Contrastes e confrontos** (1907), seja para a obra ulterior, **À margem da história** (1909), aumenta ainda mais, a meu ver, o seu interesse: quer do ponto de vista de sua biografia literário-intelectual, quer do ponto de vista do estudo de seu estilo (até pela contigüidade extrema com a escritura de **Os sertões**), quer, igualmente, para o estabelecimento definitivo de sua obra dispersa, ou mesmo para um exame atento e contrastivo da presença forte do gênero crônica nessa literatura finissecular, tentando afirmar-se com traços próprios nos desvãos do discurso jornalístico e do ensaio histórico, este pequeno texto esquecido de Euclides, inconfundível na expressão, merece leitura atenta. Quando não, como amostra notável do debate em torno da identidade nacional, e de seu caráter altamente complexo, que mobilizava parte considerável dos intelectuais naquela virada de século: diante das perplexidades postas para o presente, o retorno a 1500 como "mito da origem", na busca de fundamentos solitários, deslocados e problemáticos da história do Brasil, não é mesmo fortuito. O tema subjacente é, a rigor, muito próximo do que se elabora em **Os sertões** e que reaparecerá, com força alegórica, no expressivo conto-crônica *Numa volta do passado*, a propósito do mito da Independência de 1822, escrito a partir de episódio relatado em 1902 (e divulgado inicialmente na revista **Kosmos**, em 1908).

A crônica de Francisco Escobar amplia o quadro mental desse debate: numa eloquência também veemente, seu tom é menos épico-dramático, menos literário (no sentido de uma edificação simbólica intencional) e muito mais cáustico, cético e polêmico. Sua publicação me pareceu necessária, não apenas como documento lateral e complementar ao texto euclidianiano, mas como sinal raro de uma atuação política e cultural que deixou muitos testemunhos e poucos rastros materiais, quase nenhum deles escrito. Aqui, talvez, surjam imagens comparativas das semelhanças e diferenças entre o socialismo de Escobar e o de Euclides, dando e, ao mesmo tempo, retirando razão aos argumentos de Aleixo Irmão. Além de oferecer pistas indiretas, mas originais, ao estudo de uma das afinidades eletivas mais significativas -- e ainda envolta em grande mistério -- de nossa história cultural, como bem enfatizou, várias vezes, Brito Broca: a amizade Euclides-Escobar.

Devo agradecer, por fim, aos amigos euclidianistas de São José do Rio Pardo a possibilidade de recuperação desses importantes textos, em particular ao Museu Histórico Riopardense, na pessoa de seu diretor, Benê Trevisan, bem como de seus dedicados funcionários.

4º CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL
EUCLIDES DA CUNHA

No século XVI a Humanidade dilatou o cenário da história.

Despeada do tumulto medieval voltou-se para o passado, atraída pelo fulgor da antiguidade clássica, reatando pela cultura humanista, os elos da continuidade social partidos desde a irrupção dos Bárbaros. E à medida que por tal forma o espírito humano renascia, crescendo na ordem intelectual, como que se lhe impôs, indispensável ampliar também, na ordem física, o palco desmedido em que apareceriam as sociedades transfiguradas.

De sorte que, logicamente, a Renascença coincide com a época dos grandes descobrimentos geográficos - que longe de traduzirem feitura do acaso favorecido pela audácia de alguns marinheiros temerários, foram um resultado imediato da reorganização geral.

Colombo meditativo diante da *Imago mundi* de Petrus Alliacus² ou deletreando as cartas de Paolo Toscanelli, ligava-se através dos séculos a Strabo; Bartolomeu Dias, rumando impávido para o *mar immoto* do Atlântico Sul, singrava na esteira secular do périplo de Hannon...

Os países futuros iriam surgir indicados pelo passado.³

Além disto, a atração irreprimível do Oriente opulentíssimo por um lado, e de outro o anelo de atingir as terras misteriosas do Ocidente onde demorava a *Atlantide* fantástica dos Gregos, eram estímulos poderosos às gentes européias.

Norteados por tais desígnios os barinéis ligeiros, as galés e as naves majestosas, e as caravelas atrevidas fizeram-se aos mares desconhecidos, velejando de Palos e Lisboa. Procurando com Vasco da Gama as altas latitudes do hemisfério sul e contornando a África ou com Vicente Pinson endireitando ponteiros para oeste, visando *el levante por el poente*, demandavam todos, variando na rota, um objetivo único - alcançar a Índia portentosa.

O descobrimento da nossa terra realizou-se, então, como um incidente inesperado, mas não inteiramente fortuito, dessa tentativa fascinadora.

Pedro Álvares Cabral zarpara a 9 de Março de 1500, de Lisboa, para a Índia onde ia suceder ao Gama e este, mais experimentado daqueles mares, recomendando-lhe que se alongasse o mais possível para o ocidente, amarrando da costa africana de modo a evitar as calmarias do golfo de Guiné, tinha, talvez, o secreto intuito de ver realizada uma travessia nas paragens ignotas cujas terras, ainda não descobertas, pertenciam, pelo recente tratado de Tordesilhas, à coroa portuguesa.

Partiu o feliz navegador e inesperadamente, a 22 de abril (data inutilmente transposta pelo calendário gregoriano para 3 de maio) deparou com lugares nunca vistos naqueles mares, nunca dantes navegados.

* * *

Foi há quatrocentos anos...

Em geral os nossos historiadores dão ao acontecimento um aspecto dramático: doze caravelas desarvoradas - mastros desaparelhados e velames rotos, sacudidos⁴ violentamente pelo Atlântico, arrebatados nas lufadas fortes dos ventos desencadeados - e arribando à enseada salvadora de "Vera Cruz".

Estava descoberto o Brasil.

² No caso de nomes próprios de personagens históricos ou personalidades políticas e culturais, resolvi manter a grafia original, isto nas duas crônicas aqui reproduzidas.

³ A folha do jornal está rasgada neste trecho, identificando-se apenas os seguintes fragmentos: "Os pais... futur... surgir indi... os... do". Reproduzo aqui a frase transcrita por J. A. IRMÃO (1960), que parece estar correta e fazer sentido.

⁴ "Sacudidas", no original: pela sequência, nota-se discrepância de gênero. Prefiro optar pelo masculino, não só pela proximidade de "mastros" e "velames", mas pelo sentido de particularização da frase intercalada entre travessões.

E como aqueles rudes lidadores, que haviam deslocado para o oceano tormentoso a bravura romanesca da cavalaria medievá, não dilatavam somente o *império* mas também a fé, dias depois, a 1º de Maio, diante do gentio deslumbrado, realizaram a primeira missa.

E partiram. Reataram a rota aprofundando outra vez para as Índias, deixando em terra, alteada sobre um monte, avultando nas solidões do novo continente e dominando o mar, uma cruz de madeira.

Estava cravado o primeiro marco da nossa história.

O belo símbolo cristão ali ficou; e muito alto, projetando-se nos céus entre as fulgurações do Cruzeiro, braços largamente abertos para os mares, braços abertos para a Europa, era como um apelo ansioso, o primeiro reclamo da terra ainda virgem à Civilização afastada...

/ E.C. /

|-----|

400 ANOS
FRANCISCO ESCOBAR

Sempre que um filisteu qualquer festeja seu aniversário, dá-me gana de indagar dele os motivos de seu júbilo: Que lucrou a humanidade com mais um ano de sua existência ? Escreveu algum livro notável ? Pintou alguma tela extraordinária ? Compôs alguma ópera magnífica ? Inventou algum processo industrial novo ? Descobriu a direção dos balões ?

Nada. Caminhou apenas mais 365 dias monótonos e vãos de uma existência chata e desenxabida.

Agora que veio certo entusiasmo no comemorar-se o 4º centenário do descobrimento do Brasil, aquela mesma gana irrita-me malignamente os nervos e não sei como contê-la que não pergunte aos meus caros patrícios: - Em que é que consumimos quatro séculos da nossa história ? Quais as nossas contribuições para o progresso geral da humanidade ? Quais os produtos da nossa civilização de mestiços ? Onde a nossa ciência, a nossa arte e a nossa indústria?

Não se diga que somos um país novo, pois que carregamos às costas a respeitável antiguidade de *papai* Portugal, cujas tradições formam como que um patrimônio comum à nossa gente.

Demais, quatrocentos anos de existência de um povo são um vasto e lento espaço em que sua atividade e o seu gênio podem atingir os mais elevados graus de desenvolvimento.

Em trinta anos o Japão surpreende o mundo com a sua arte, a sua indústria, a sua política e o seu poder militar.

A Alemanha devastada e minada pelo célebre bandido corso, em menos de cem anos galgou a vanguarda das potências que dominam o globo pelo prestígio da ciência e da força.

No princípio de século, a Itália, retalhada pelos austríacos e franceses, estava no auge da miséria e da decadência; setenta anos depois, unida e forte, reconquista no mapa da Europa o seu posto de nação respeitada e dirigente.

Há menos de duzentos anos talvez, a Rússia saiu da barbaria pelo braço de Pedro, o Grande, e hoje o seu poder, as suas letras, artes e ciências impressionam o mundo todo.

Causam-nos assombro o poderio e a civilização da Inglaterra, que no tempo de Carlos I, há trezentos anos, não era mais que uma mísera nação, fraca, pobre e pequenina.

E nós... que fizemos depois que o Sr. Pedro Álvares Cabral aqui fincou, em terra, a Santa Cruz d'El-Rei Cristianíssimo ?

Devastamos a terra, plantamos café, fabricamos rapaduras e tecemos jacás de taquara.

Produzimos nas letras Arthures Gaularts e Jaguaribes, na ciência Sylvios Roméros, na política Bernardinos.

Fizemos uma independência em 1822, uma guerra em 1865; tivemos escravos até 1888 e arranjamos uma República em 1889.

Em 1900, somos uma multidão rastejante, sem idéias nem aspirações, governados por um advogado medíocre e um homeopata ousado.

Não temos crédito, não temos força.

Não sabemos que será, no dia de amanhã, desta malsinada terra, perdida para sempre nas mãos dos desonestos e dos incompetentes !

Eis em que desbaratamos quatrocentos anos !

E vale a pena festejarmos o 4º centenário do nosso descobrimento ?

Vale, sim, mas há de ser com o maxixe e com o engrossamento, produtos genuínos da nossa civilização, no fim de quatro séculos !

/ FRA D'ESCO. /

(Crônicas publicadas no jornal **O Rio Pardo**: São José do Rio Pardo, SP, 03/maio/1900, p.1).